

10-2017

Sede santos... espiritanos

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Sede santos... espiritanos. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol27/iss27/119>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

SEDE SANTOS... ESPIRITANOS

O Venerável P. Libermann morreu a 2 de Fevereiro de 1852. Os membros da Congregação que o conheceram de perto e todos os leigos e leigas a quem ele ajudou a viver melhor a sua fé, tinham a convicção profunda de que estavam diante de um homem de Deus que a Igreja viria a reconhecer como santo. O estudo aprofundado dos seus numerosos escritos, assim como a análise da sua vida de santidade, feita de muito trabalho e comunhão com Deus, foram reconhecidos e aceites pela Igreja no início do século XX, atribuindo-lhe a designação de Venerável, a quem, segundo as normas da Igreja, falta o reconhecimento de um milagre para ser beatificado.

Por essa ocasião, em 1902, entrava no Noviciado da Congregação do Espírito Santo o jovem Daniel Brottier que certamente bebeu profundamente do carisma Espiritano, sobretudo na insistência que Libermann legara de que os missionários sejam santos. Todos nós, ainda hoje, ouvimos o eco da sua doutrina missionária que nos indica que faremos muito mais pelos povos a quem somos enviados pela nossa santidade de vida do que por planos ou estratégias missionárias bem elaborados.

Como então ser missionários nos dias de hoje, se a santidade é a primeira forma de exercer a Missão? Os documentos do Vaticano II, sobretudo a *Lúmen Gentium*, vieram recordar-nos que afinal a vocação à santidade é condição de todo o baptizado, por isso não será algo alcançável só por grandes homens ou mulheres a quem Deus concedeu essa particular graça. Também Libermann, já cem anos antes do Concílio Vaticano II, nos ensinou que as coisas de Deus não se aprendem nos livros. “Para verdadeiramente se avançar na perfeição..., o único meio... e isto para todos, é procurar Deus no próprio interior e deixar-se formar apenas por Ele e não por coisas estudadas... É no nosso interior que está o nosso grande Doutor que é necessário escutar e ao qual importa prestar doce e pacífica atenção” (L. S. I, p.384).

E, assim como não são os livros que nos ensinam a conhecer a Deus, também não é através de actos heróicos que nos tornamos mais santos do que outros. É o que Libermann nos parece dizer quando ensinava aos seus missionários: “A alma, inspirada pela graça, une-nos a Deus nos actos e hábitos ordinários da vida, pela fé, esperança e caridade, que, tornando-se o móbil e a alma desses hábitos, nas diversas relações da vida, formam nela a soma das virtudes sobrenaturais. É este o fundo da união da alma com Deus, a essência

da santidade, para que devemos dirigir todos os nossos cuidados, afim de lhe darmos toda a extensão, intensidade e aperfeiçoamento de que em nós é susceptível, segundo os desígnios da misericórdia de Deus” (Instruções aos Missio-nários, N.D. XIII, p. 413).

Daniel Brottier (1876-1936) que a Igreja já beatificou em 1984, pode deixar-nos a impressão que foram os seus actos heróicos, como capelão nas trincheiras da I guerra mundial, que lhe conferiram o título de santo. No entanto se escutarmos as suas palavras, damo-nos conta que procurou a santidade não no estudo ou esquemas complicados, mas na entrega generosa do dia-a-dia e no cumprimento do seu dever. É ele que nos diz e recomenda: “Não compliqueis a vida espiritual: complicamo-la frequentemente. E, todavia, é uma coisa muito simples. A vida espiritual é feita de pequenas coisas; o cumprimento do nosso dever de estado para agradar a Deus. Deste modo, estamos constantemente unidos a Ele e aperfeiçoamo-nos com a sua graça”. Com esta simplicidade e generosidade Daniel foi um homem do seu tempo mas grande apóstolo dos jovens pobres, com grande capacidade criativa que certamente encontrava na sua vida de comunhão e união com Deus.

Continuemos, por isso, a invocar o Venerável Padre Libermann e o Beato Brottier para que nos ensinem a santidade de vida na situação de vida que vivemos e nos hábitos quotidianos que fazemos.

‘Ação Missionária’, fevereiro de 2015, p. 9.

UMA PRESENÇA ESPIRITANA COM SIGNIFICADO INDÍGENA

“Que língua querem que use? Espanhol ou Náhuatl?” Foi assim que o P. Juventino iniciou aquela celebração. Tinha caminhado com ele e com um seminarista do Gana, em estágio, cerca de uma hora desde o lugar onde deixamos a carrinha até àquele povoado, meio isolado, mas onde inclusivamente há escola e capela. O rio que já teve uma ponte cujas enxurradas levaram há já alguns anos e os vários ranchos de gado bovino em redor, foram isolando aquela povoação pobre, chamada “Pau de Rosa”, de grande maioria pertencente ao povo indígena Náhuatl mas cuja capela está dedicada a Santa Rosa de Lima. A capela cheia já nos esperava para a missa de primeiro aniversário de uma senhora falecida. Por isso o catequista daquela comunidade que só é